

A PERTURBAÇÃO DO CIDADÃO EXEMPLAR

PAREDES DE COURA
23 A 26 DE JUNHO

MELGAÇO
30 DE JUNHO A 3 DE JULHO

VILA NOVA DE CERVEIRA
7 A 10 DE JULHO

MONÇÃO
14 A 17 DE JULHO

VALENÇA
21 A 24 DE JULHO



Um cidadão exemplar é um sujeito polido, higiénico, sem manchas negras, avesso a conflitos e um feliz respeitador de regras. Um cidadão exemplar não tem tempo porque tem a vida cheia, preenchida, sem buracos na existência. Cada vez mais cheia, mais preenchida, mais sem buracos para existir. Não tem espaço para duvidar porque não tem tempo para questionar. É afirmativo, definido, muito bem resolvido. Um cidadão exemplar não consegue parar. Porque parar é morrer e isso não pode ser. Mas não sabe dançar. Tem o corpo ressequido, o cérebro aturdido. Falta-lhe gíngua na anca e fome na pança. Um cidadão exemplar não sabe dançar. E talvez isso o possa matar.

Tomando como inspiração uma das estórias mais célebres de Herman Melville, *Bartleby*, este espetáculo coloca em arena de combate o conceito de trabalho, tal como hoje o conhecemos. Celebra-se o ritmo como força pulsante e formadora de humanidade, num mundo-máquina desprovido de corpo-animal. Neste espetáculo, com encenação e direção artística de Joana Magalhães, conta-se a estória desta perturbação, fazendo suar o discurso no corpo dos atores, ao ritmo frenético de uma bateria.

Encenação e direção artística: Joana Magalhães
Dramaturgia: Joana Magalhães, com excertos de textos de Gonçalo M. Tavares (A perturbação do cidadão exemplar), Ricardo Neves-Neves (A ilha do desporto) e Rui Pina Coelho (Estética, resistência e melancolia) e Bob Black (A abolição do trabalho).
Interpretação: Beatriz Valentim, Catarina Luís, Dinis Duarte, Rui Mendonça e Luís Filipe Silva
Composição Musical: André Nunes e Francisco Beirão
Músicos: André Nunes e Francisco Beirão

Apoio ao movimento: Ana Isabel Castro e Maria Antunes
Cenografia: Cristóvão Neto
Figurinos: Paula Cabral
Desenho de luz e som: Vasco Ferreira
Execução de cenografia: Bárbara Amen, Leonor Gomes, Maria Inês Campos
Execução de figurinos: Beatriz Prada e Maria Costa
Produção: Comédias do Minho

Teatro · M/12 · 75 min.
junho-julho 2022

O ato de reivindicação individual, de desobediência ativa, é muitas vezes acolhido com desconfiança e reservado a indivíduos cuja sanidade mental, ou a falta dela, lhes permite aceder a zonas de prazer e de desinibição barradas ao cidadão comum por uma sociedade alicerçada maioritariamente em esquemas capitalistas e patriarcais vinculados à produção, MONORRÍTMICOS. Aqui a perturbação traduz-se numa falha, numa anomalia do sistema que se quer manter individual e nunca coletiva. Ao abrirmos a anomalia ao escrutínio comunitário, abrimos um espaço ritualístico de passagem, um espaço perigoso, como acredito que o teatro deve ser, e que nunca deverá ser fechado. A perturbação poderá transformar-se numa falha conjunta, em polirritmia, o que quer dizer apenas que, num determinado tempo e espaço, hipóteses são levantadas e ritmos diferentes são propostos a uma determinada plateia. É o que fazemos neste espetáculo ao testarmos uma hipótese sobre a abolição do trabalho e a deixarmos imediatamente falir. Não interessa fazê-la acenar em sinal de vitória, mas antes descolonizar o nosso imaginário para essa possibilidade. Diria até que é urgente fazê-lo. Se o mundo do trabalho contemporâneo se pode radicalizar em novos conceitos como *karoshi*, traduzido literalmente do japonês como “morte por excesso de trabalho”, porque não radicalizar no sentido oposto e propor seriamente e saudavelmente a total abolição do mesmo, ou a possibilidade de trabalharmos a um ritmo próprio, ou a possibilidade de escolhermos não trabalhar?

Joana Magalhães



(...) A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...
(...) A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
(...) A gente quer inteiro
E não pela metade...

A partir da letra, *Comida*,
de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto

O espetáculo – *A perturbação do cidadão exemplar* – faz parte de uma programação desenvolvida, ao longo de quatro anos, em torno de uma ideia de justiça.

Falar de uma ideia de justiça exige um olhar sobre o trabalho. A palavra trabalho tem, nos nossos dias, vários significados, mas podemos encontrar a sua origem no latim – *tripalium*. Esta palavra referia-se, então, a um objeto de tortura. Hoje, que lugar ocupa o trabalho nas nossas vidas e que forma lhes dá? Que mundo(s) cria? Que mundo(s) para os mais velhos e os mais novos? Que consequências tem para o planeta terra e os seus habitantes? *A perturbação do cidadão exemplar* é uma espécie de espelho. São vários os ritmos nele explorados. Uns frenéticos e outros próximos da suspensão. Uns ruidosos e outros quase impercetíveis. O que se passa fora e dentro da nossa cabeça, do nosso corpo? No espetáculo podemos ver refletidas várias imagens da sociedade em que vivemos. Um tempo em que, frequentemente, “Somos induzidos a sobreviver quando deveríamos optar por viver”, escreve André Barata no seu livro *E se parássemos de sobreviver?*. Talvez muitos não tenham escolha. Essa falta de escolha de alguns será tão mais agravada quanto aqueles que podem escolher se demitem de o fazer. Oxalá saibamos ver-nos ao espelho e fazer alguma coisa com isso. O que fazer? Talvez importe manter as perguntas acesas e a maior parte das respostas temporárias. Que as crianças possam aprender a “rebeldia competente” e a “desobediência crítica” para que sejam adultos capazes de escolher em vez de outros o fazerem por eles. Que o desejo se possa transformar em prazer e o prazer em alegria. “Dance, dance...otherwise we are lost” (“Dancem, dancem...caso contrário estamos perdidos”), disse-nos um dia Pina Bausch. Que sejamos capazes de dançar!

Magda Henriques

PROMOTORES



HECENAS



ESTRUTURA FINANCIADA POR

